

HS131 – Teorias de Gênero I

PROGRAMA DE CURSO

Gênero, Erotismo e Violência

O objetivo deste curso é o de dar prosseguimento à discussão sobre os estudos de gênero – cujo impacto é inegável na teoria social contemporânea – e suas interfaces no tratamento do erotismo e da violência. Em particular, pretende-se aprofundar as leituras sobre as vertentes pós-estruturalistas das teorias de gênero e articular a elas o exame sobre determinadas teorias do erotismo e da violência.

A partir da década de 80, assistimos a proliferação da produção acadêmica sobre sexualidade e ela abarca disciplinas como a Antropologia, a Sociologia, a Psicologia, a Medicina em campos teóricos variados. O curso não tem a pretensão de mapear todos esses campos disciplinares, mas examinar as abordagens relacionadas ao que podemos chamar de limites da sexualidade. Limites delimitados a partir da fronteira tênue em que se confrontam o exercício da sexualidade, no marco de sua significação como liberdade individual, e a violência, conotada como atos abusivos passíveis de condenação moral, social ou de criminalização. A maior contribuição da antropologia tem sido a de apontar que essa fronteira é montada, considerando a multiplicidade de sociedades e de culturas, por hierarquias, mas também pela negociação de sentidos e significados que resultam na expansão, limitação ou deslocamento das práticas sexuais concebidas como aceitáveis ou “normais” e aquelas que são tomadas como objeto de perseguição, discriminação, cuidados médicos ou punição criminal.

A importância dos estudos antropológicos em temas como violência e sexualidade é a de reunir uma vasta documentação e montar um repertório de práticas sócio-culturais que ajudam a contestar afirmações baseadas em categorias como essência ou natureza humana. No caso da violência, esse material traz evidências de que os atos qualificados como tal obedecem a normas ou regras, fazem parte da cultura ou mesmo que a eles correspondem determinadas funções sociais (isso quando consideramos determinadas formulações do funcionalismo clássico). Estudos recentes sobre terrorismo na Irlanda do Norte (Feldman, 1991), sobre vítimas de movimentos nacionalistas, sobretudo, mulheres na Índia (Das, 1990) ou entre sobreviventes de tortura no Sri Lanka (Daniel, 1994) trazem etnografias baseadas em uma nova antropologia do corpo que o associa às inscrições e signos de poder. Vale considerar também as teorias feministas sobre violência considerada a partir da assimetria sexual e de gênero (de Lauretis, 1997; Moore, 1994). Essas são contribuições relevantes que mostram como as idéias que temos sobre violência, sobre gênero e sobre pessoa estão relacionadas à concepção ocidental e moderna de natureza humana, que deve ser problematizada. De fato, essas pesquisas revelam a dificuldade de definir como violência os significados atribuídos em muitas e diferentes sociedades a certas práticas, mesmo aquelas em que a dor física é infligida.

O mesmo esforço de relativização está presente nos estudos que tratam da sexualidade, sobretudo os que dialogam com as noções elaboradas por Michel Foucault (1977). Esse autor forneceu instrumentos analíticos importantes para a “desnaturalização”

da sexualidade, cujo atributo de natureza foi consolidado pelos saberes normativos, entre os quais os elaborados pela sexologia, que operam, ao lidar com os limites, com noções como doença, patologia, anomia, perversão etc. Ao imprimir uma ênfase histórico-cultural, Foucault tomou a sexualidade como dispositivo, ou melhor, como uma “construção social” composta por uma economia de poder articulada à emergência de uma nova instância de verdade do sujeito na modernidade. As abordagens antropológicas que seguiram essa perspectiva dão destaque ao conjunto de práticas, representações e atitudes relacionadas à constituição dos sujeitos e, como tal, particular a uma cultura, a uma sociedade e em um período histórico singular. Importante enfatizar que, além da trilha aberta por Foucault, as contribuições antropológicas sobre sexualidade têm estabelecido rica interlocução com as teorias feministas, outro campo relevante que, desde a década de 70, contesta a relação, tomada como natural, entre sexo e reprodução (Vance, 1984)

O curso foi pensado em três grandes unidades. Na primeira delas, a proposta será a de detalhar nossas leituras das teorias de gênero mais importantes no cenário do pós-estruturalismo – em particular, as teorias formuladas por Joan Scott, por Marilyn Strathern e por Judith Butler. De modo a situar o contexto intelectual que conforma isso que se chama de pós-estruturalismo vamos iniciar as discussões a partir da leitura detalhada do primeiro volume da História da Sexualidade de Foucault, referência teórica fundamental, sobretudo, pela rentabilidade de seu projeto ao propor uma investigação genealógica, isto é, uma análise que articula os saberes a um vasto entremeado de relações de poder. Em seguida, iremos colocar em diálogo essa teoria com conceitos chave das teorias sobre gênero.

A segunda unidade do curso diz respeito às teorias sobre o erotismo, em particular, a que se anuncia em George Bataille. Essas teorias fazem referência sistemática à obra do Marques de Sade. Nesse sentido, iremos ler Sade e seus intérpretes, além de Bataille, Roland Barthes, Gilles Deleuze, Ângela Carter e Jane Gallop. As duas últimas fornecem interpretações interessantes articuladas à problemática de gênero e do feminismo.

A terceira unidade será dedicada ao exame de teorias da violência, sobretudo, as que fornecem pistas para articulações com erotismo e gênero. Com esse propósito iremos examinar textos de Ann McClintock sobre o sado-masiquismo, os textos teóricos de Henrietta Moore e Teresa de Lauretis sobre violência e gênero, bem como estudos feitos por Elaine Scarry sobre dor e Veena Das sobre corpo e linguagem. A idéia dessa unidade contempla, pois, estudos sobre fenômenos associados à violência, a dor e aos limites de sua representação. O exame dessa bibliografia permitirá uma reflexão mais sofisticada sobre as articulações presentes na teoria sobre a violência e suas interfaces com o gênero e com a sexualidade.

CRONOGRAMA DE CURSO

9/3 – Apresentação do programa de curso.

I Unidade: Teorias de Gênero e pós-estruturalismo

16/3 e 23/3 – Michel Foucault *História da Sexualidade I – A Vontade de Saber* Rio de Janeiro: Graal, 1980.

Josefina Fernandez “Foucault: Marido ou Amante? Algumas tensiones entre Foucault y el feminismo”. In: *Estudios Feministas* vol.8 n.2/2000 p.127-149.

Nancy Fraser “Foucault on Modern Power: Empirical Insights and Normative Confusions”. In: *Unruly Practices: Power, Discourse and Gender in Contemporary Social Theory*. Cambridge: Polity Press, 1993.

Paul Rabinow e Hubert L. Dreyfus “Michel Foucault entrevistado por P. Rabinow e H. Dreyfus” (apêndice da segunda edição) In: *Michel Foucault – Uma Trajetória Filosófica*. São Paulo: Forense Universitária, 1995.

30/3 – O pós-estruturalismo e as teorias feministas: as contribuições de Joan Scott.

Joan Scott *Gender and the politics of History*. Columbia University Press, 1988, introdução, capítulos 1 e 2.

Joan Scott “Deconstruir Igualdad versus diferencia: usos de la teoria posestructuralista para el feminismo” in: *Feminaria*, ano 7, nº 13, nov. 1994.

6/4 – As contribuições de Marilyn Strathern. Essa aula contará com a colaboração da prof. Mariza Corrêa.

Marilyn Strathern *The Gender of the Gift*. Berkeley: University of California Press, 1988. Os caps para discussão serão indicados posteriormente.

Edward Lipuma “Modernity and forms of personhood in Melanesia”. In: Michael Lambek e Andrew Strathern (ed) *Bodies and Persons – Comparative perspectives from Africa and Melanesia*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

13/4 – As contribuições de Judith Butler.

Judith Butler *Gender Trouble – Feminsm and the Subversion of Identity*. New York, London: Routledge, 1990. Ler especialmente Prefácio, Cap 1 e o segmento “Bodily Inscriptions, Performative Subversion” do Cap 3.

Judith Butler *Undoing Gender*. New York, London: Routledge, 2004. Ler especialmente Introduction, págs 51-56.

20/4 – Não haverá aula.

27/4 – Os contenciosos feministas: Teoria Crítica X Pós-estruturalismo.

Seyla Behabib, Judith Butler, Drucilla Cornell, Nancy Fraser. *Feminst Contentions – a Philosophical Exchange*. New York, London: Routledge, 1995. Ler especialmente:

Linda Nicholson “Introduction”

Seyla Benahabib “Feminism and Postmodernism”

Judith Butler “Contingent Foundations”

Nancy Fraser “False Antitheses”

4/5 – Judith Butler e o simbólico: as aproximações de Lacan. Essa aula será dada com a contribuição de Suely Aires Pontes.

A bibliografia será indicada posteriormente.

11/5 – Judith Butler e os corpos abjetos: a influência de Julia Kristeva e de Mary Douglas

Judith Butler “Bodily Inscriptions, Performative Subversion” In: *Gender Trouble – Feminism and the Subversion of Identity*. New York, London: Routledge, 1990.

Julia Kristeva “From Filth to Defilement”. In: *Powers of Horror – An Essay on Abjection*. New York: Columbia University Press, 1982.

Mary Douglas “Poderes e perigos”. In: *Pureza e Perigo*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

II Unidade: Erotismo: Sade e seus leitores

18/5 – Marques de Sade lido por Roland Barthes e por Deleuze

Marques de Sade. *Justine ou os infortúnios da virtude*. Rio de Janeiro: Saga, 1968.

Roland Barthes. *Sade, Fourier e Loiola*. Lisboa: Edições 70, 1979. Ler especialmente Prefácio e “Sade I”.

Gilles Deleuze *Apresentação de Sacher-Masoch – O frio e o cruel*. Rio de Janeiro: Taurus Editora, 1983. Ler especialmente “O frio e o cruel” e “Sade, Masoch e suas linguagens”.

25/5 – Marques de Sade lido por Bataille e Jane Gallop

Georges Bataille “Introdução” e Capítulo XII “O objeto do desejo: a prostituição” In: *O Erotismo*. Porto Alegre: LPM, 1987.

Jane Gallop “Friendship, a small number of exceptions: Bataille on Sade”. In: *Intersections – A Reading of Sade with Bataille, Blanchot and Klossowski*. Lincoln, London: University of Nebraska Press, 1981.

Leitura complementar:

Georges Bataille. *História do Olho*. São Paulo: Cosac&Naify, 2003.

Michel Leiris. “Nos tempos de Lord Auch”. In: Georges Bataille. *História do Olho*. São Paulo: Cosac&Naify, 2003.

1/6 – Marques de Sade lido por Angela Carter

Ângela Carter *The Sadeian Woman – And the Ideology of Pornography*. New York: Pantheon Books, 1978. Ler especialmente “Polemical Preface”, “Sexuality as Terrorism – the life of Juliette” e “Speculative Finale – the function of flesh”.

III Unidade: Violência: novas expressões e os limites de representação.

8/6 – Sobre o sado-masiquismo

Anne MacClintock “Imperial Leather – Race, Cross-dressing and the cult of domesticity” In: *Imperial Leather – Race, Gender and Sexuality in the Colonial Contest*. New York: Routledge, 1995. Esse texto foi traduzido e publicado no *Cadernos Pagu* (23).

Anne MacClintock “Maid to Order: commercial S/M and the gender power” In: Pámela C. Gibson and Roma Gibson *Dirty Looks – Women, Pornography, Power*. London: British Film Institute, 1994.

26/6 – Sobre Violência e Gênero: algumas aproximações teóricas

Henrietta Moore “The problem of explaining violence in the Social Sciences”. In: Peter Gow e P. Harvey (eds) *Sex and Violence – Issues in Representation and Experience*. New York: Routledge, 1994.

Teresa de Lauretis “The Violence of Rethoric”. In: Michaela di Leonardo e Roger Lancaster (eds) *The Gender /Sexuality Reader – Culture, History, Political Economy*. New York: Routledge, 1997.

29/6 – Sobre a dor, o corpo e os limites de representação.

Elaine Scarry *Body in Pain – The Making and Unmaking of the World*. Oxford: Oxford University Press, 1985. Ler especialmente “Introduction” e Cap1 “The Structure of Torture: the conversion of real pain into the fiction of power”.

6/7 – Sobre linguagem, corpo e violência

Veena Das “Fronteiras, violência e o trabalho do tempo: alguns temas wittgensteinianos”. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais* (40). São Paulo: Anpocs, 1999.

Veena Das “The act of witnessing: violence, poisonous knowledge, and subjectivity” In: Veena Das, Arthur Kleinman, Mamphela Ramphele e Pamela Reynolds (eds) *Violence and Subjectivity*. Berkeley: University of California Press, 2000.